



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**SURDEZ E IDENTIDADE: A REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA DO
SURDO NA OBRA CINDERELA SURDA.**

EDJANE LINHARES FERREIRA

Catolé do Rocha – PB

2013

EDJANE LINHARES FERREIRA

**SURDEZ E IDENTIDADE: A REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA DO
SURDO NA OBRA CINDERELA SURDA.**

Monografia de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras.

Orientador:
Prof. Esp. José Marcos Rosendo de Souza

**Catolé do Rocha – PB
2013**

F383s Ferreira, Edjane Linhares.

Surdez e identidade: a representação identitária do surdo na obra cinderela surda / Edjane Linhares Ferreira. – Catolé do Rocha, PB, 2013.

48 f. : il.

Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, 2013.

Orientação: Prof. Esp. José Marcos Rosendo de Souza, Departamento de Letras e Humanidades.

1. Surdez. 2. Identidade. 3. Cinderela Surda. I. Título.

21. ed. CDD 371.912

EDJANE LINHARES FERREIRA

**SURDEZ E IDENTIDADE: A REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA DO
SURDO NA OBRA CINDERELA SURDA.**

Aprovado em: 02 de Setembro de 2013

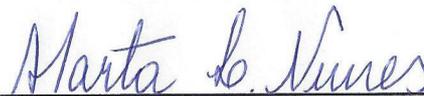
Banca examinadora



**Prof. Esp. José Marcos Rosendo de Souza – UEPB
Orientador**



**Prof.^aMsc. Doralice de Freitas Fernandes – UEPB
Examinadora**



**Prof.^aMsc. Marta Lúcia Nunes – UEPB
Examinadora**

**Catolé do Rocha – PB
2013**

Ao meu maravilhoso esposo, Kleber Antônio Viana dos Santos, que foi referência para chegar onde estou hoje, que sempre me incentivou nas realizações dos meus ideais, encorajando-me para enfrentar todos os momentos difíceis da vida. E a minha mãe, Rita Linhares, que é meu norte nessa vida, assim sendo, com muito carinho, esse trabalho, pela compreensão, apoio e contribuição para minha formação acadêmica.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, por estar sempre presente em todos os momentos da minha vida, em especial nos mais difíceis, me mantendo com fé para assim continuar toda a trajetória almejando os meus objetivos na expectativa de realizá-los.

A minha mãe, **Rita Linhares**, uma guerreira que desde minha existência foi um exemplo de mulher, enfrentou todos os momentos difíceis sozinha para me educar e me transformar na pessoa que sou hoje. Em todo o percurso me incentivou para não desistir, uma conselheira, confidente, responsável, enfim, um caráter admirável e insubstituível.

Ao meu pai, **Euclides Tavares Forte**, por ter me colocado no mundo, mesmo sem assumir as responsabilidades de pai, me deu a oportunidade de ter em meu lado a pessoa mais importante da minha vida, minha mãe.

Ao meu orientador, **Prof. José Marcos Rosendo de Souza**, pelas orientações para a construção do meu trabalho.

As minhas sobrinhas, **Járede Ruth Linhares e Rízia Ferreira da Cunha**, por terem me ajudado nas digitações das minhas atividades no curso.

A todos os professores do curso de Letras por todos os ensinamentos que foram de importância para o meu desenvolvimento intelectual; ao secretário da coordenação, **Francisco Bezerra (Irmão Neto)**, por todo o apoio e palavras de acolhimento que foram de grande significado.

Enfim, gostaria de agradecer a todos os meus amigos e colegas, por terem dividido comigo o tempo, para além das trocas de conhecimentos, por estarem sempre disponíveis para me ouvirem.

RESUMO

Considerada por muito tempo como doença, ou maldição dos deuses, a surdez contribuiu para um grave quadro de exclusão dos indivíduos surdos. Porém, com o decorrer do tempo eles vêm conseguindo ocupar cada vez mais espaço na sociedade, através da Língua de Sinais, que se tornou o principal elo comunicativo entre os membros da comunidade surda. Vale salientar ainda, que com essa conquista, esses indivíduos constroem a sua identidade a partir do contato com outros membros, e até mesmo através da literatura. Dessa forma, conseguem fortalecer e possibilitar o reconhecimento da existência de uma cultura, não subalterna, mas que tem o mesmo *status* das demais. Então, consolida-se a Cultura Surda. Diante dessa realidade muitos elementos têm contribuído para essa afirmação, um deles é o uso da literatura infantil como processo de aproximação dessa cultura com a cultura dos ouvintes. Este estudo pretende analisar a representação da identidade surda na literatura, especificamente, na obra "Cinderela Surda" de Hessel, Karnopp e Rosa. Sendo assim, esse trabalho se justifica, pelo fato de que a literatura influencia a construção do indivíduo, e também representa ou traz em si, traços culturais de um povo. Para se consolidar a presente pesquisa, reuniu-se um banco de dados bibliográficos utilizando-se das pesquisas de autores, como por exemplo, Karnopp (2006, 2008), Hall (2005), que nortearam o seu desenvolvimento, classificando-se como pesquisa bibliográfica.

Palavras-Chave: Surdez. Identidade. Cinderela Surda.

ABSTRACT

Long considered as a disease, or curse the gods, deafness contributed to a serious picture of exclusion of deaf individuals. However, with the passage of time they have been able to occupy more space in society, through sign language, which became the main communication link between members of the deaf community. It is worth noting also that with this achievement, these individuals construct their identity through contact with other members, and even through literature. Thus, can strengthen and facilitate the recognition of the existence of a culture, not subordinate, but has the same status as the other. Then consolidates the Deaf Culture. Given this reality many factors have contributed to this firm, one of them is the use of children's literature as a process of approaching this culture with the culture of listeners. This study aims to examine the representation of deaf identity in literature, specifically, in the book "Cinderella Deaf" Hessel, Karnopp and Rosa. Accordingly, this work is justified by the fact that literature influences the construction of the individual, and also represents or brings itself cultural traits of a people. to consolidate this research, met one bibliographic database using the research of authors such as Karnopp (2006, 2008), Hall (2005), that guided its development, being classified as literature.

Keywords: Deafness. Identity. Cinderella Deaf.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	p. 39
FIGURA 2	p. 40
FIGURA 3	p. 40
FIGURA 4	p. 45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: HISTORICIDADE	13
1.1 Cultura, Identidade e Surdez	19
CAPÍTULO 2: GÊNEROS LITERÁRIOS	28
2.1 Literatura e Sociedade	31
2.2 Literatura Surda	33
CAPÍTULO 3: SURDEZ E IDENTIDADE NA OBRA CINDERELA SURDA	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48
ANEXOS	50

INTRODUÇÃO

A surdez sempre foi concebida como um elemento identificador de limitações, relegando os surdos a um contexto de perdas sociais. Este fato contribuiu para o afastamento destes indivíduos no que diz respeito aos bens culturais acumulados ao longo do tempo pela humanidade.

No entanto, diante desse cenário de prejuízos, a cultura surda sempre esteve presente como um desejo de reconhecimento imprimindo imagens e sentidos daqueles, até então, existentes ou determinados pela cultura ouvinte.

Nesse contexto, é importante ressaltar que mesmo em um ambiente de exclusão, os surdos desenvolveram suas habilidades comunicacionais e também juntaram seus conhecimentos e tradições, consolidando seus conhecimentos através da construção de sua identidade.

Os surdos não se mantiveram estagnados, mesmo diante das limitações impostas pela sociedade predominantemente ouvinte, eles conseguiram transformar a realidade ao seu redor de maneira que também pudessem usufruir os mesmos costumes dos falantes.

Através da língua de sinais foi possível à comunidade surda conseguir desenvolver uma importante rede de comunicação a qual serviu de mote para que a identidade surda fosse firmada, compreendida e aceita pela sociedade falante.

A comunidade surda é diferente de outras comunidades linguísticas em muitos aspectos, já que eles não estão geograficamente em uma mesma localidade, mas estão espalhados em várias partes do mundo. Os surdos não trabalham em um mesmo local e, em alguns centros urbanos, eles encontram seus pares algumas vezes por semana passando a maior parte de seu tempo em um mundo ouvinte. Esse fato produz um padrão de comunidade em que a convivência com outros surdos é fragmentada; por outro lado são extremamente próximos uns dos outros, através do uso da língua de sinais.

Esse fato é importante porque ao longo do tempo fez com que os surdos se apropriassem de meios visuais para entender o mundo e se relacionar com pessoas ouvintes reafirmando sua identidade e fortalecendo seu conceito sobre o mundo e sobre si mesmo. É dentro desse aspecto que a cultura surda se impôs e

os indivíduos surdos conseguiram se inserir no contexto social e desenvolver seus próprios bens culturais.

Levando em consideração esse entendimento, este estudo analisa como a identidade surda é apresentada na obra *Cinderela Surda*, a escolha desse livro se deu por ser uma publicação escrita em duas línguas: a dos ouvintes através de palavras e na língua de sinais – *signwriting* esse aspecto foi o fator principal que determinou a escolha desse texto, pois infelizmente ainda é incomum o uso dessa linguagem em textos voltados para o público surdo.

O conteúdo analisado busca compreender através do enredo da história como é realizada a firmação social dos personagens através do uso da língua de sinais; como o texto está estruturado e que implicações sociais contidas na história favorecem a compreensão da cultura surda.

No primeiro capítulo, há uma abordagem sobre o histórico da surdez, é feita uma breve explanação de como esse tema esteve obscuro por muito tempo, caracterizando os sujeitos surdos como pessoas incapazes. Ainda dentro dessa digressão, achou-se interessante descrever como a cultura surda foi se consolidando ao longo do tempo e como foi estabelecendo suas diretrizes e características até os dias atuais através da língua de sinais.

Ainda nesse capítulo, é feita uma exposição de como a identidade surda é construída através da língua de sinais, como os surdos desenvolvem sua firmação social através de sua linguagem.

Esse tema torna-se relevante porque procura discorrer sobre como os surdos estão inseridos na sociedade e como a língua de sinais contribui para fortalecer a identidade deles, é um aspecto importante porque proporciona uma dimensão da ótica do surdo e sua interação com outras pessoas.

Seguindo esse entendimento de interação, o segundo capítulo faz referência aos gêneros literários, depois de um aparato histórico é feita uma análise sobre como a literatura abarca as novas concepções de produção textual na contemporaneidade, esse aporte é necessário, porque o estudo analisa uma obra literária e suas relações com um grupo específico – os surdos. Diante desse aspecto, é feita uma dissertação sobre a relação sociedade e literatura a fim de explicitar as implicações que uma tem sobre a outra bem como as mudanças pelas quais a produção literária passou até os dias de hoje.

Já o terceiro capítulo é inteiramente reservado à análise da obra *Cinderela Surda*, uma releitura do clássico da literatura infantil Cinderela. Nesse momento, são discutidos todos os aspectos pertinentes ao texto e que contribuem para a formação da identidade surda. Por meio da observação do enredo faz-se uma crítica de como a produção estabelece a relação entre o modo como os surdos interagem com ouvintes. Esse aspecto é relevante para entender como o texto se coloca como uma obra literária e como contribui para aproximar dois tipos de leitores: ouvintes e surdos.

Por fim, são apresentadas algumas conclusões da análise com o intuito de delinear um entendimento sobre como a identidade surda é abordada na obra e como o texto é apresentado nos sentido de unir duas culturas diferentes e proporcionar a junção de dois mundos até pouco tempo separados por barreiras não tão intransponíveis.

CAPÍTULO 1: HISTORICIDADE

As pessoas portadoras de deficiências tiveram, ao longo do tempo grandes obstáculos no que diz respeito à conquista de seus direitos, em outros contextos históricos e até mesmo a pouco tempo, ser portador de alguma deficiência era motivo de insignificância e incapacidade social.

Os indivíduos pertencentes a esse grupo não podiam e nem deviam fazer parte do âmbito social ao qual estavam inseridos, esse fato gerou uma exclusão favorecendo o surgimento de uma segmentação que culminou com a formação de uma classe sem trabalho, educação e prestígio. Do lado oposto a esse grupo existia uma sociedade tida como “normal” detentora de toda uma cultura pautada e sustentada na boa aparência física. O ideal de beleza propagado por sociedades consideradas desenvolvidas relegava aos deficientes um destino não muito glorioso ficando assim o sujeito segregado e tendo como destino, até mesmo a morte; é o que se pode perceber em Diwan (2007, p.02):

Os ideais eugênicos modernos remontam à Antigüidade. Os padrões de beleza física da Grécia antiga, assim como os exemplos de força dos exércitos de Esparta e, séculos antes, as regras de higiene dos hebreus e sua profilaxia também inspiraram os teóricos eugenistas da segunda metade do século XIX e princípios do século XX. No século VIII a.C. a cidade-estado grega de Esparta já adotava medidas de purificação da raça. Todos os recém-nascidos eram examinados cuidadosamente por um conselho de anciãos e, se constatada anormalidade física, mental ou falta de robustez, ordenava-se que o bebê fosse lançado de cima do monte Taigeto.

Assim, é possível perceber que na Grécia a significação de normalidade era pautada exclusivamente no aspecto corporal, pois a ideia de beleza e saúde, confirmava o ideal de uma sociedade perfeita, preocupada com o desenvolvimento físico dos cidadãos, sua capacidade de se exercitar, e, portanto incapaz de aceitar um sujeito portador de deficiência. Esse conceito de beleza física esteve presente em todo percurso histórico da sociedade e pode ser percebido ainda hoje no mundo pós-moderno.

Dessa forma, desenvolveu-se com o passar do tempo o pensamento de que portar alguma deficiência significa não estar apto a fazer parte de uma sociedade, ficando assim, o indivíduo condenado a viver à margem do mundo considerado normal.

Com os deficientes auditivos não foi diferente, visto que em um mundo marcado pela oralidade, as relações sociais são inteiramente pautadas na ação de falar e ouvir, assim sendo, o indivíduo que não domina essas competências, automaticamente se distancia desse universo e assim como os portadores de outras deficiências, os surdos foram estigmatizados e igualmente condenados a uma vida privada de inúmeras realizações. Dentre elas o direito de ter uma educação adequada às suas limitações e ingressar no mercado de trabalho. Questões que por si só interferem diretamente no desenvolvimento da cidadania. Esse fato trouxe para o seio familiar uma gama de questões sobre como conviver com esse sujeito não portador da oralidade, uma vez que, perceber esse tipo de deficiência ocasiona questionamentos não só psicológicos, mas também de ordem sociais e médicas.

O diagnóstico da surdez traz, junto com ele, os pré-construídos culturais em relação ao “ser surdo”: impossibilidade de falar, de aprender, falta de inteligência, insucesso na escola, incapacidade de conseguir um bom emprego etc. Quando uma família ouvinte descobre que o filho é surdo, tem de fazer escolhas: se realizará a cirurgia de implante coclear, se aprenderá a língua de sinais, se comprará um aparelho auditivo, se submeterá o filho à terapia fonoaudiológica,[...] (SANTANA, 2007 p.1)

Recapitulando a trajetória histórica dos surdos é possível observar um quadro quase que permanente de exclusão. As pessoas com deficiências das mais variadas: auditiva, visual, física e mental sempre foram estigmatizadas e tolhidas de seus direitos. Durante os séculos X e IX a. C. as leis permitiam que os recém-nascidos portadores de qualquer sinal de debilidade ou má formação teriam que morrer ou ser abandonadas nas estradas, de modo que a sociedade não aceitaria o convívio com tais indivíduos.

Pensadores da época, como Aristóteles, por exemplo, ensinavam que, a criança, ao nascer surda, por não se comunicar através da fala, não conseguia raciocinar. Logo, o Surdo era visto como um ser inapto a exprimir ideias e sentimentos. Esse pensamento perdurou por muito tempo e por várias sociedades.

Os Romanos privavam os surdos de direitos legais, eles não se casavam, não herdavam os bens da família e diante da religião, a igreja católica considerava os surdos sem salvação, ou seja, não iriam para o reino de Deus após a morte. Pode-se dizer que a condição do sujeito surdo era a mais miserável de todas, pois a sociedade os considerava como imbecis, anormais, incompetentes (SILVA, 2009 p. 2).

Através dessa afirmação, percebe-se que o surdo foi desde muito tempo vítima da ignorância; classificado, injustamente, como um ser limitado, permanecendo à margem da sociedade e impossibilitado de desenvolver-se enquanto cidadão. E, por todas essas questões, a identidade social deles ficou comprometida; sem acesso à dignidade e aos direitos que todos os sujeitos devem ter, só restou-lhes a árdua tarefa de ficar relegado a uma situação de privação e humilhações. Kanner (1964, p. 5) *apud* Aranha (2001, p. 3) relata que: “A única ocupação para os retardados mentais encontrados na literatura antiga é a do bobo ou de palhaço para diversão dos senhores e dos seus hóspedes”.

Sendo assim, é oportuno ressaltar que a inclusão para pessoas com deficiência foi, ao longo do tempo, bastante criticada pela sociedade, sendo inadmissível, às classes sociais mais abastadas, dividir o ambiente social em pé de igualdade com pessoas consideradas “insignificantes”. Certifica-se, pois, que a única maneira de convivência ocorreu em uma disposição hierárquica a qual os indivíduos portadores de alguma deficiência colocavam-se em posição inferior com o intuito de provocar risos e diversão.

Essas ações e pensamentos perduraram por muito tempo. Assim, torna-se interessante lembrar que na Idade Moderna não havia notícias sobre qualquer tipo que fosse de experiências educacionais com as crianças surdas. Por serem

estigmatizadas foram, consideradas incapazes de desenvolver um raciocínio lógico e por tal razão, privadas de instrução. Esse fato revela uma visão individualista em relação ao que seria conveniente ou não ao desenvolvimento de um ser humano. Dessa forma, a surdez ocasionou o distanciamento dos direitos a indivíduos portadores dessa deficiência, esse fato ajudou a desenvolver a ideia de que o surdo é um ser incapaz, limitado e desprovido de responsabilidades sociais o que ocasionou o retardamento de alternativas para a inserção desses sujeitos na sociedade.

Diante dessa questão Santana & Bergamo (2005, p.02):

Os surdos sempre foram historicamente estigmatizados, considerados de menos valor social. Afinal, faltava-lhes a característica eminentemente humana: a linguagem (oral bem entendido) e suas virtudes cognitivas. Sendo destituídas dessas “virtudes” os surdos eram humanamente inferiores [...] Assim, os surdos são, não raras vezes situados a meio caminho entre os ouvintes, considerados humanos de qualidade superior ou humanos em toda a sua plenitude e os subumanos desprovidos de todos os traços que os assemelham aos seres humanos. Eles não podem ser classificados como subumanos porque apresentam traços de humanidade, mas também não conseguem ser aceitos como seres humanos em sua plenitude.

É válida a afirmação dos autores quanto a essa espécie de *apartheid* entre os falantes e os surdos no que diz respeito à aceitação social. De fato é possível perceber que há um distanciamento de interações entre esses grupos, causado principalmente pela falta de comunicação, o grupo dos falantes se sobrepõe ao dos não falantes. Ao surdo resta apenas adequar-se a esse meio.

Realmente, a sociedade ouvinte tem deixado pouco espaço para que os surdos desenvolvam suas competências. Como consequência, percebe-se o surgimento de grandes entraves como, por exemplo, o ensino-aprendizagem das crianças surdas, bem como sua inserção nos contextos sociais, dentre os quais o trabalho.

Na tentativa de transpor essa barreira social, os surdos desenvolveram sua própria língua, manifestada nos sinais favorecendo, assim, sua inserção no

meio que os cerca. Esse fato se constitui em um esforço para que sua forma de comunicação seja aceita e respeitada, pois a ação comunicacional vai muito além da fala. É o que se observa nessa afirmação:

É possível entender que não é apenas a fala o único meio que o surdo possui para criar significado, mas toda e qualquer forma que envolve significação. Portanto, é dessa possibilidade de dar significação ao mundo que o rodeia que o surdo precisa e isso não está condicionado ao desenvolvimento da linguagem oral, mas a qualquer meio seja visual, auditivo ou outro (SOUZA & SANTIAGO, 2005, p. 2).

Diante dessa questão, têm sido desenvolvidas várias ações a fim de proporcionar aos surdos uma melhor interação com o mundo que os cerca. As atuais mudanças histórico-econômicas-sociais trazem à tona a necessidade de uma mudança de pensamento em relação aos portadores de deficiências, sobretudo o surdo, já não é mais aceitável por nenhum segmento social a segregação de indivíduos, uma vez que todos são iguais perante a lei, e nesse intuito torna-se inadmissível relegar uma pessoa surda a um patamar de incapacidade.

Surge dentro desse aspecto, o reconhecimento da língua de sinais – forma de comunicação dos surdos- como mais um meio legítimo de atividades interacionais, configurando-se como um grande marco no processo das transformações sociais.

Conferir à língua de sinais o estatuto de língua não tem apenas repercussões linguísticas e cognitivas, tem repercussões também sociais. Ser normal implica ter língua, e se a normalidade é ausência de língua e de tudo o que ela representa (comunicação, pensamento, aprendizagem, etc) a partir do momento em que se configura a língua de sinais como língua do surdo, o estatuto do que é normal também muda. Ou seja, a língua de sinais acaba por oferecer uma possibilidade de legitimação do surdo como “sujeito de linguagem”. Ela é capaz de transformar a “anormalidade” em “normalidade” (SANTANA & BERGAMO, 2005, p. 3).

De fato, a língua de sinais se constituiu em um grande avanço no que concerne à tentativa de inclusão do surdo em todas as esferas sociais seja na escola, no mundo artístico e do trabalho, bem como outros segmentos. Criada a partir da necessidade de se comunicar com o mundo exterior, essa ação comunicativa é carregada de sentidos, pois a partir de movimentos, configurações de mãos, expressões faciais e outros parâmetros constituintes da língua de sinais são expressos muitos significados.

Assim, é possível entender que mesmo não possuindo a capacidade de verbalizar, os surdos têm consciência do que se passa a sua volta. Ao contrário do que foi sustentado durante muitos séculos há sim uma língua de sinais que propicia o entendimento e a interação entre as pessoas surdas/surdas e surdas/ouvintes.

Hoje, a língua de sinais é reconhecidamente uma língua de modalidade viso-espacial com todas as condições e características próprias. Como tal, é transparente e icônica o que significa que mesmo os que não a dominam são capazes de compreendê-la ainda que superficialmente. Portanto, é preciso que os profissionais de um modo geral, compreendam essas questões e transformem suas concepções a respeito da pessoa surda (SOUZA & SANTIAGO, 2009, p.2).

Dentro desse aspecto, a língua de sinais se constitui em um importante passo para o desenvolvimento da cidadania de pessoas surdas na medida em que possibilita várias formas de interação entre os indivíduos e o mundo que os cerca. Seu uso traz consigo algo muito além do fato de comunicar, está expressa em sua prática a busca por uma afirmação social a qual se compõe de vários sentidos, sendo o mais importante deles a quebra de paradigmas e a autoafirmação enquanto sujeito pensante e socialmente ativo. Uma vez que a discriminação que perdurou e por vezes ainda perdura em torno dos sujeitos surdos é uma construção tipicamente social, plantada e sustentada por uma ideia individualista de contextos excludentes.

A separação entre grupos humanos é produzida socialmente, bem como sua integração, na medida em que toda forma de preconceito, toda discriminação, todo comportamento humano está subordinado à cultura que os constrói, propaga, veicula e sedimenta. São as normas sociais que “autorizam” essa separação normas que organizam toda nossa vida social, modos de falar, de vestir-se, de atuar no mundo, de pensar, etc. O modo como a surdez vem sendo descrita está ideologicamente relacionado a essas normas (SANTANA & BERGANNO, 2009, p. 4).

É interessante destacar que a língua de sinais constitui-se também como uma forma de resistência, pois traz para o centro da questão a realidade de que os surdos podem se comunicar e que a sociedade precisa estar preparada para essa interação, principalmente numa época em que a informação e a comunicação atingem patamares cada vez mais elevados de eficiência e tecnologia.

A língua de sinais é um fator importante para que haja comunicação, um aspecto primordial na construção da identidade do surdo na sociedade. É através dela que eles conseguem externar seus pensamentos e interagir com outros indivíduos. Esse fato traz à tona uma observação interessante: há variadas formas de comunicação e a oralidade é apenas uma delas. Dessa forma, a língua de sinais assume além do papel social uma marca identitária na medida em que proporciona a todos os surdos a comunicação e a interação como sujeitos sociais estabelecendo uma troca cultural de conhecimentos e comportamentos.

Nesse aspecto, é necessário discorrer um pouco sobre o sentido de identidade e, dentro desse conceito identificar como o surdo fica estabelecido nessa conceituação, de que forma está situado enquanto sujeito produtor e receptor de sentidos, de que forma constrói sua identidade e se firma em um mundo dotado de significações e em permanente mudança e interação.

1.1 Cultura, Identidade e surdez

A cultura pode ser compreendida como a ação de agrupar comportamentos, símbolos e criar grupos de pertencimentos inerentes ao ato de firmação social. Este é um aspecto essencial à existência de um povo ou nação. São as práticas sociais que delineiam a vivência dos indivíduos através dos

costumes e do acúmulo de conhecimentos. Como aspecto primordial à existência humana a cultura é um elemento de reafirmação do sujeito em seu contexto social.

O termo cultura é definido por Cuche (2002, p. 28) como “um conjunto de características artísticas, intelectuais e morais que constituem o patrimônio de uma nação, considerado como adquirido definitivamente e fundador de sua unidade”; portanto, é possível entender que em seu interior são criados os elementos constitutivos de uma identidade pessoal, pois os sujeitos não existem isoladamente, antes, só desenvolvem sua vivência porque estão inseridos em um contexto social e a cultura é o elo que existe para esse fim. Ela é um produto coletivo da vida humana. Esse processo de construção e reconstrução favorece o surgimento de variados grupos por vezes heterogêneos, mas sempre atrelados a um padrão de norma social vigente e preponderante entendido como comportamentos exigidos para a aceitação dos indivíduos, é o que termina por produzir uma formação cambiante de valores e atitudes. É o que pode ser evidenciado na seguinte afirmação:

A sociedade não é, como os psicólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo. Ela está constantemente sendo “descentrada” ou deslocada por forças fora de si mesma (HALL, 2005, p.17).

Dessa forma, pode-se afirmar que a constante transformação da sociedade colabora para mudanças significativas de comportamentos coletivos e individuais, favorece ainda a construção do sujeito dentro do grupo ao qual faz parte.

Não se pode imaginar a cultura separada da sociedade. Ambas formam um conjunto essencial à existência humana, os indivíduos constroem sua identidade através de trocas de experiências e da convivência com as diversidades. É exatamente dentro desse contexto que a cultura contribui para o fortalecimento dos entornos sociais. Ela não existe separadamente do contexto

social e não se constitui em um aspecto fechado em si, é antes de tudo uma característica que permeia todas as etapas da vida dos indivíduos.

De uma maneira geral, a cultura reflete as transformações pelas quais passam a humanidade através dos séculos, acompanhando a evolução das trocas sociais, em uma multiplicidade de elementos culturais que se condensam e consolidam; de modo que existem vários tipos de cultura e sua essência é caracterizada pela busca de afirmação social. Desse modo:

Cultura é um território bem atual das lutas sociais por um destino melhor. É uma realidade e uma concepção que precisam ser apropriadas em favor do progresso social e da liberdade em favor da luta contra a exploração de uma parte da sociedade por outra em favor da superação da opressão e da desigualdade (SANTOS, 1987, p. 38).

Essa afirmação mostra que a existência de uma cultura surda requer da sociedade uma adaptação ou um reconhecimento, pois as lutas dos surdos são caracterizadas pela constante reivindicação de sua autonomia frente às desigualdades existentes no que se refere aos ideais no padrão de vida estabelecido pela classe hegemônica.

A surdez pode ilustrar claramente essa questão, visto que os surdos são caracterizados como indivíduos limitados, e, portanto de uma cultura inferior, esse aspecto contribuiu para a construção de valores distorcidos em relação à capacidade deles, fazendo surgir uma atmosfera de preconceito e exclusão.

A separação entre grupos humanos é produzida socialmente, bem como sua integração, na medida em que toda forma de preconceito, toda discriminação todos comportamento humano está subordinado à cultura que os constrói, propaga, veicula e sedimenta. São as normas sociais que “autorizam” essa separação, normas que organizam toda a nossa vida social, modos de falar, de vestir-se, de atuar no mundo, de pensar, etc. o modo como a surdez vem sendo descrita está ideologicamente relacionada a essas normas (SANTANA & BERGANO, 2005, p.4).

De fato, as normas sociais contribuem para reforçar os estereótipos criados no seio da sociedade. Os costumes, padronizados ao longo do tempo, tornam-se definidores de aspectos inerentes à construção da identidade dos indivíduos, é através da cultura que esses sujeitos se veem como pessoas produtoras atuantes na sociedade e estabelecem relações com outros indivíduos.

Sendo a cultura essa parte fundamental na construção da identidade dos indivíduos, é possível afirmar que existe uma infinidade de aspectos que dialogam entre si, construindo não uma cultura fechada, mas antes, uma combinação de culturas que, juntas são capazes de reafirmar todos os laços sociais e estabelecer um fluxo contínuo de conhecimentos, uma vez que, a cultura não é uma forma fossilizada e estática.

É possível entender a identidade como o resultado do acúmulo de práticas sociais internalizadas no indivíduo a qual contribui para alargar a noção de pertencimento por parte dos sujeitos. Conceitos do “eu” são construídos a partir do envolvimento do homem com o mundo. As trocas simbólicas acompanham o ser desde o nascimento até o fim de sua vida.

A identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre em “processo”, sempre sendo formulada. [...] a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir do nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2005, p. 39).

O indivíduo desenvolve sua identidade de acordo com seu conhecimento de mundo e sua colocação no seio social. Mesmo assim, pode-se afirmar que essa construção está em constante movimento, há sempre uma multiplicidade, resultante das mudanças pelas quais a sociedade passa, esse fato contribui para um deslocamento de identidades, abandono de práticas consideradas arcaicas e absorção de novos conceitos e comportamentos.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentirmos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós [...] à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2005, p.13).

Sabendo que a identidade cultural não é uma identidade natural, geneticamente adquirida, ela é construída, é oportuno destacar que os surdos sempre lutaram para sua firmação e mesmo diante de todas as incertezas sociais, conseguiram construir uma identidade. De modo geral, eles desenvolveram um conjunto de características que contribuíram para sua firmação enquanto grupo cultural: a língua e a contextualização histórica das suas lutas favoreceram o reconhecimento dessa identidade cultural carregada de sentidos, de modo que diante dos novos anseios sociais de inclusão e aceitação; a surdez não passa mais despercebida e os surdos representam-se socialmente através da sua comunicação. Sobre esse aspecto é interessante ressaltar o que nos diz Santana & Bergano (2005, p. 8):

A identidade não pode ser vista como inerente às pessoas, mas sim como resultado de práticas discursivas e sociais em circunstâncias sócio- históricas particulares. O modo como a surdez é concebida socialmente também influencia a construção da identidade. O sujeito não pode ser visto dentro de um vácuo social. Ele afeta e é afetado pelos discursos e pelas práticas produzidas.

A discussão sobre identidade social dos surdos aflora uma questão relevante: o desenvolvimento da língua de sinais como aspecto definidor dessa firmação. A partir do momento que se estabeleceu uma comunicação através dessa forma de interação, foi possível aos surdos estabelecer um processo comunicativo e conseguir exteriorizar seu pensamento de modo crescente e

contínuo de entendimento e aceitação. Claro que esse fato ainda carece de consistência social, mas é inegável que o surgimento dessa forma de comunicação possibilitou importantes avanços para a comunidade surda.

Usar a língua de sinais em contato com outro surdo é o que define, basicamente sua identidade. O que ocorre é que, na interação entre surdos que usam a língua de sinais, surgem novas possibilidades de compreensão, de diálogo e de aprendizagem, que não são possíveis apenas por meio da linguagem oral. Isso porque a aquisição de uma língua, e de todos os mecanismos afeitos a ela, faz que se credite à língua de sinais a possibilidade de ser a única capaz de oferecer uma identidade ao surdo (SANTANA, 2007, p. 41).

Assim, a língua de sinais surge como elemento primordial na afirmação do surdo enquanto sujeito. É através dela que os indivíduos permanecem ativos no contexto social e percebem o quanto podem ser eficientes na produção de conhecimento e na interação com os ouvintes, na medida em que conseguem estabelecer a comunicação numa troca de experiências.

A identidade surda, entendida como o conhecimento do sujeito enquanto ser produtor de sentido favorece o entendimento do surdo como um sujeito cultural portador de multiplicidade de competências, através da comunicação que estabelece com os outros (surdos ou não), ele consegue transformar seu contexto e a realidade que o cerca. É o que se vê em Sanchez (2004 p. 41):

A preferência dos surdos em se relacionar com seus semelhantes fortalece sua identidade e lhes traz segurança. É no contato com seus pares que se identificam com outros surdos e encontram relatos de problemas e histórias semelhantes às suas [...] É principalmente entre esses surdos que buscam uma identidade surda no encontro surdo-mudo que se verifica o surgimento da comunidade surda.

Esse fato leva ao entendimento de que a comunicação é o fator primordial para a construção da identidade. É através da interação entre os indivíduos que o

surdo consegue firmar-se enquanto ser social e desobstrui a imagem de deficiente. Assim sendo, a surdez deve ser vista e compreendida como marca identitária do indivíduo surdo.

Diante desse aspecto, é interessante observar que a construção da identidade do surdo leva em consideração as múltiplas identidades pertencentes aos indivíduos, um conjunto imbricado de características que termina por favorecer seu entendimento como ser social. Dentre essas identidades, é necessário destacar o que diz Perlin (*apud* Salles, 2004 p. 41) a respeito:

A identidade pode ser definida como: identidade fluante, na qual o surdo se espelha na representação do ouvinte, vivendo e se manifestando de acordo com o mundo ouvinte; identidade inconformada, na qual o surdo não consegue captar a representação da identidade ouvinte, hegemônica, e se sente numa identidade subalterna; identidade de transição, na qual o contato dos surdos é tardio, o que os faz passar da comunicação visual-oral para a comunicação visual-sinalizada[...] identidade híbrida, reconhecida nos surdos que nasceram ouvintes e se ensurdecaram e terão presentes as duas línguas numa dependência dos sinais e do pensamentos na língua oral e identidade surda, na qual ser surdo é estar no mundo visual e desenvolver sua experiência na Língua de Sinais. Os surdos que assumem a identidade surda são representados por discursos que os veem capazes como sujeitos culturais, uma formação de identidade que só ocorre entre os espaços culturais surdos.

Através desse conceito, é possível perceber que a identidade surda se constrói e se consolida à medida que o sujeito consegue estabelecer uma comunicação com o mundo que o cerca e se percebe como um indivíduo social capaz de interagir através de seu modo de se comunicar: a língua de sinais. Assim, no contato com outras pessoas surdas ele passa a perceber que tem um lugar na sociedade e conseqüentemente sente-se seguro.

A surdez esteve, durante um período considerável de tempo, atrelada apenas aos aspectos biológicos, visto como uma doença construiu-se o conceito de patologia¹, assim sendo, a discussão sobre o funcionamento cognitivo na

¹ É o estudo das enfermidades em seus mais amplos e variados sentidos, como estado anormal de causa conhecida ou desconhecida. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/patologia/>>. Acesso em: 27 de Set. de 2013.

surdez demorou muito para ultrapassar a barreira da indiferença. Felizmente com o avanço de pesquisas científicas, da inserção de novos conhecimentos, além do surgimento do ideal de sociedade “justa e inclusiva” é possível perceber o desenvolvimento da concepção do surdo como sujeito agente construtor de significados e valores.

Podemos acompanhar atualmente o afastamento da concepção de cérebro como essencialmente biológico e homogêneo. Por considerarem diferenças individuais e culturais como influências cerebrais, as conclusões de tal conceito têm tradicionalmente sinalizado a existência de um cérebro “universal”, desconsiderando suas variações [...] (Santana, 2007, p. 220).

De fato, a surdez se tornou um tema relevante de pesquisa. Antes, ela era estudada somente pela área médica. No decorrer desse período, foi possível perceber mudanças significativas no tratamento do assunto, iniciadas com estudos nas áreas de educação, linguística, medicina e, recentemente, fonoaudiologia.

Esse aspecto concretiza o conceito de que a surdez não é uma doença, mas uma característica de algumas pessoas e a oralidade não pode ser tomada como base determinante dos conceitos sociais. É nesse aspecto que Salles (2004, p 40) aborda ao afirmar que:

[...] os surdos possuem histórias de vida e pensamentos diferenciados, possuem, na essência, uma língua cuja substância gestual que gera uma modalidade visual-espacial, implica uma visão de mundo, não-determinista, mas em muitos aspectos, diferente da que partilha a comunidade ouvinte, com sua língua de modalidade oral, cuja substância é o som.

Assim, não se pode fazer generalizações sobre a surdez, é preciso levar em conta que, cada sujeito tem sua individualidade, mesmo pertencente a um grupo, existem determinações subjetivas que terminam por induzi-lo a fazer

(re)organizações funcionais resultantes do contexto sócio-histórico do qual faz parte. Esse talvez seja o ponto principal para se entender o universo dos surdos.

CAPÍTULO 2: GÊNEROS LITERÁRIOS

A literatura como instrumento de comunicação e interação social transmite conhecimentos que representam a identidade dos povos. Dessa forma, é importante observar que essa concepção ocorre de variadas maneiras nas instâncias da sociedade de forma que não se pode dissociar uma análise da literatura das condições de vida em certo ambiente social. A representação, presente no contexto, literário está intimamente ligada à realidade vivida pelos sujeitos, de modo que a arte literária pode ser a composição do real no imaginário.

Assim sendo, o estudo dos gêneros literários é colocado sempre entre um discurso de dualidade em que se percebem a existência de um conceito rígido abarcado por um conjunto de normas clássicas que determina a maneira como o leitor deverá ler o texto e conseqüentemente classificá-lo. Por outro lado, há outra concepção que envolve diferentes variantes classificatórias, considerando o contexto social e pensando-o como um evento de discursivo mais complexo. É o que se percebe com a seguinte afirmação:

[...] toda obra literária se origina de uma determinada época e de uma determinada cultura, isto é, é gerada num certo tempo e num certo espaço, filiando-se a uma determinada classe ou espécie ou inaugurando um novo horizonte através de um conjunto próprio de regras. O primeiro problema que se coloca é se essa filiação depende de uma cega e rígida obediência a regras preexistentes, ou a matizes atemporais, ou se ela pode adaptar e acrescentar a si mesma outras normas próprias do tempo ou do momento cultural em que brota. (ARAGÃO, 1984, p. 64).

De fato, não se pode pensar a literatura como algo estático e imutável, durante todo o seu percurso histórico, os gêneros foram absorvendo novas características em decorrência da própria mudança de concepção de mundo do indivíduo. A produção discursiva acompanha diretamente as transformações sociais. Dessa forma, os gêneros são parte indissociável desse processo, ocasionando modificações na estrutura dos textos e contribuindo para o surgimento de uma concepção menos rígida. É dentro desse cenário que outras

produções assumem sentido literário, abrangendo um público cada vez mais heterogêneo e multifacetado. E uma das possibilidades para essa metamorfose ocorrida nos gêneros pode ser explicada por Pinheiro (2002, p.262):

A proliferação de novos gêneros [poderia estar] associada aos avanços tecnológicos e à velocidade na comunicação no mundo contemporâneo. A dinamicidade do meio, por interferência ou contaminação, modifica tanto as formas de relações humanas quanto as formas de representar o mundo através das diferentes linguagens –sonoras e visuais- que, numa grande variedade de textos, frequentemente, co-ocorrem e interagem.

Dessa forma, o conceito de gênero literário ganha uma nova tônica e passa a integrar a ideia de dinamicidade de uma nova estética, porém, sem perder a essência. Para chegar a esse conhecimento, é necessário discorrer sobre seu percurso histórico, uma vez que a literatura surgiu como forma de análise da realidade sistematizando as regras que deram origem aos diversos gêneros. (PINHEIRO, 2002)

Em sua origem, os gêneros estiveram amplamente interligados com o desenvolvimento da consciência humana no mundo. Desde a antiguidade clássica, o espírito inquieto e reflexivo levou o homem a pensar sobre seus problemas e os do mundo, fazendo nascer assim a filosofia e juntamente com ela, a retórica, talvez esses tenha sido o primeiro gênero literário.

É inegável que o nascimento da concepção dos gêneros esteve intimamente ligado com a própria percepção do indivíduo no mundo social. De fato a antiguidade greco-romana foi de fundamental importância para que fosse desenvolvido o conhecimento das produções literárias fazendo surgir novas formas de interpretação e criação, separando a filosofia do estudo da literatura e baseados em uma análise formal que permitia a sistematização das características comuns aos textos oferecendo uma visão para a nova arte que surgia.

Desde os gregos, o estudo da literatura era feito através das poéticas e da retórica, num sentido formal, que não colocava em questão a natureza dos conhecimentos, pois este problema era do âmbito da filosofia. Daí a infinidade de interpretações do texto. (SAMUEL, 1985, p.38)

Assim, é possível entender que as análises desenvolvidas nessa época favoreceram uma reflexão mais aprofundada sobre os gêneros literários sem com isso ter que recorrer a um aprofundamento filosófico. As produções começaram a ganhar um espaço à parte da filosofia, foi uma aproximação entre a literatura e a vida comum, uma nova maneira de interpretar a realidade com uma visão apriorística. Essas reflexões foram marcadas por discordâncias que se perpetuaram por um longo tempo. Para Platão, o poeta era um imitador, alguém que apenas conhece a aparência das coisas e, portanto, não habilitado a refletir sobre a realidade.

Como Platão atribuisse às artes uma função moralizante, a classificação das obras literárias através de seu conceito de imitação (o poeta, como o pintor, era autor da terceira espécie, começando a contar pela natural. No segundo lugar da série estaria a obra do artesão. O poeta seria apenas um imitador daquilo que o artesão fabricava) serviria de base à condenação que faz aos poetas que, ao concederem autonomia à voz das personagens, em nada contribuíam para o projeto político de edificação de uma pólis ideal. (SOARES, 2006, p. 9).

Assim sendo, é possível entender que o surgimento da ideia de poeta foi marcado por uma desvalorização de sentido por Parte de Platão, em oposição a esse pensamento, surge a preocupação por uma ordem estética, representada por Aristóteles que “[...] abordou o problema à luz da observação das obras literárias gregas, e aprofundou a sua visão do fato, pela constatação da importância do conteúdo e da função global deste conteúdo na classificação de uma obra dentro de um gênero determinado”. (SAMUEL, 1985, p.68)

O que se percebe através desses aspectos é que o surgimento da noção de gêneros literários encontrou um campo propício para uma reflexão acerca do

que poderia ser ou não considerado literatura. Esse fato trouxe consigo o estabelecimento de regras estéticas presentes na contemporaneidade.

Se quiséssemos definir, em termos essenciais, o sentido das especulações literárias dos gregos, poderíamos dizer que elas se voltaram, primeiro para o problema da caracterização da obra literária, com o que se procurou, então, distinguir a literatura da não-literatura; em segundo lugar, para a formulação de um conjunto de preceitos que deviam ser seguidos pelos escritores, a fim de que suas obras resultassem perfeitas, tanto no que respeitava à expressão, quanto no que se referia às regras estabelecidas para os gêneros literários em moda. [...] passado uns quatro séculos, os latinos começaram a realizar uma literatura de incontestáveis valores, mas no fundo imitada dos modelos gregos. (AMORA, 2006, p. 24).

Diante do que foi supracitado, é interessante observar que as reflexões acerca das criações literárias favoreceram a produção de textos que versam sobre os mais variados temas, mas sempre tendo como ponto primordial a semelhança com a essência dos primeiros textos literários. A reflexão sobre o sentido da literatura consolidou o surgimento de um padrão que contribuiu entre outros aspectos para determinar o lugar da literatura na sociedade, que pode ser compreendida como o discurso humano sobre sua existência e o mundo que o cerca.

2.1 Literatura e Sociedade

A Literatura abarca uma multiplicidade de entendimentos, pois pode ser considerada como uma representação da realidade e sendo esta um ambiente multifacetado é possível entender que as produções literárias também o são. Por ser uma arte extremamente antiga, sua identificação percorreu um longo caminho acumulando conceitos variados e válidos dentro de um contexto social em constante transformação. Primeiro, surgiu a reflexão sobre o próprio sentido da produção ocasionando dúvidas a respeito do fazer literário, esse embate contribuiu para desenvolver uma dicotomia entre a forma e o contexto e

consequentemente uma gama de pontos de vista sobre a caracterização do fazer literário. É o que pode ser entendido com a seguinte afirmação:

A aporia resulta, sem dúvida, da contradição entre dois pontos de vista possíveis e igualmente legítimos; pontos de vista contextual (histórico, psicológico, sociológico, institucional) e ponto de vista textual (linguístico). A literatura, ou o estudo literário, está sempre imprensada entre duas abordagens irreduzíveis: uma abordagem histórica, no sentido amplo (o texto como documento), e uma abordagem linguística (o texto como fato da língua, a literatura como arte da linguagem) (COMPAGNON, 2001, p. 30).

De fato, as definições sobre a produção literária encontram esses pontos de vista estabelecidos pelo autor. O conteúdo e a forma não podem estar dissociadas do contexto em que são produzidas. Há que se levar em consideração essa visão histórico-social do literário, pois todas as produções desde as mais remotas surgiram como consequência da reflexão do homem sobre o mundo e sobre si mesmo. Através de formas de produção diversas, sendo a poesia a primeira delas, a produção literária nasceu como objeto de questionamento sócio-cultural.

Diante disso, é interessante observar que, sendo a literatura parte integrante da realidade dos indivíduos, esse aspecto se constitui como produção, o entendimento sobre a produção literária leva em consideração o contexto cultural para que se obtenha um sentido amplo do conhecimento dos gêneros literários:

Os estudos literários devem estabelecer o vínculo mais estreito com a história da cultura. A literatura é parte inseparável da cultura, não pode ser entendida fora do contexto pleno de toda cultura de uma época. É inaceitável separá-la do restante da cultura e, como se faz constantemente, ligá-la imediatamente a fatores socioeconômicos, por assim dizer, passando por cima da cultura. Esses fatores agem sobre a cultura no seu todo e só através dela e justamente com ela influenciam a literatura. (BAKHTIN, 2010, p. 361).

O pensamento bakhtiniano favorece o entendimento de que a sociedade direcionou as mudanças pelas quais a produção literária percorreu tanto em sua forma como em seu conteúdo. O percurso de deslocamento das estruturas dos gêneros acompanhou as transformações sociais, os dois grandes gêneros narração e drama foram estabelecendo mudanças. O verso foi substituído pela prosa fazendo surgir o romance, o teatro e a poesia, matrizes de produções que continuam evoluindo assim como o pensamento humano.

Assim, pode-se afirmar que a literatura nasceu e continua em um ambiente complexo assim como são as relações sociais. O homem, como indivíduo social, tem anseios, necessidades e valores que se modificam constantemente. Suas criações – entre elas a literatura – refletem seu modo de ver a vida e de estar no mundo. Assim ao longo da história, a literatura foi concebida de diferentes maneiras. Mesmo os limites entre a estrutura literária variaram com o tempo.

A literatura, assim como todas as formas de arte, também reflete as relações do homem com o mundo e com os seus semelhantes, para Cândido (2010), a criação literária corresponde à certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma práxis socialmente condicionada. Na medida em que as relações se transformam historicamente, o mesmo acontece com a literatura, pois ela é sensível às peculiaridades de cada época; aos pontos de vista sobre a vida, problematizar a existência, questionar a realidade e organizar a convivência social. Por isso as obras de um determinado período histórico, ainda que diferenciem umas das outras, possuem certas características comuns que as identificam. Essas características dizem respeito tanto a mentalidade predominante da época quanto às formas, convenções e técnicas expressivas empregadas pelos autores.

2.2 Literatura Surda

A literatura enquanto arte inerente à realidade humana tem um papel fundamental no processo de estimular e refletir as mudanças sociais, ou seja, no território das mudanças a produção textual desde sempre assumiu uma posição muito eficiente no que diz respeito ao desenvolvimento de novos olhares sociais.

Assim sendo, sua tônica perpassa o sentido meramente artístico e assume um sentido social na medida em que refaz o caminho histórico das mudanças e registra as novas concepções da sociedade e dos indivíduos que a compõem. É nesse contexto que surgem outras abordagens trazendo à tona uma multiplicidade de produções referentes a variados grupos responsáveis por diferentes formas de ver e entender a realidade.

Dentro dessa nova concepção a literatura surda é percebida como elemento inovador que traz em si a noção de que a surdez não é uma barreira ao entendimento da realidade, mas uma característica de um determinado grupo. Esse aspecto, juntamente com a mobilização no sentido de levar à reflexão sobre a surdez contribui para que as produções narrativas direcionadas para as pessoas Surdas ajudem tanto na afirmação cultural quanto na possível construção identitária dos surdos ajudando a construir uma nova concepção de literatura e de surdez.

De fato, a concepção de Literatura surda assim como o próprio reconhecimento dos Surdos como grupo social, é um elemento de bastante significação no processo de desenvolvimento identitário, pois favorece juntamente com a valorização da cultura surda, aspectos imprescindíveis à afirmação cultural como um todo. É um aspecto que vai além da estética artística, na medida que serve de palco para a reflexão social e ocasiona mudanças significativas.

Marcar a diferença linguística e cultural das pessoas surdas significou trazer a discussão para o campo político, por meio de uma afirmação da cultura surda capaz de congrega pessoas em torno de uma proposta política. Manifestações de movimentos surdos possibilitaram a elaboração de outras representações de experiências linguísticas e culturais de pessoas surdas (KARNOPP, 2008, p. 3).

Assim sendo, a literatura surda surge como uma forma de incluir os surdos em um ambiente social amplo, sem que elas tenham que necessariamente copiar os modelos existentes, é uma forma de inclusão que evidencia a diferença como elemento de agregação. É dentro desse ambiente que novas relações são tecidas e reforçadas através de particularidades, nesse caso, a produção literária

assume o papel vigoroso de juntamente com a língua de sinais reforçarem a presença e o valor social dos surdos no contexto da sociedade sem diferenciações e estereótipos.

Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta que possibilita outras representações dos surdos e que considera as pessoas surdas como grupo linguístico e cultural diferente [...] de todo modo, a língua de sinais, a leitura, a escrita e a tradução fazem parte do mundo surdo indispensável para a defesa dos interesses e cidadania (KARNOOPP, 2008, p.7).

Dessa forma, é possível entender que a literatura surda é juntamente com a língua de sinais um mecanismo essencial no processo de afirmação das pessoas surdas, suas histórias contadas e registradas no mesmo modo que são as histórias dos ouvintes aproximam dois mundos, desencadeando assim, a quebra das barreiras que tanto prejudicou a aceitação dos surdos em épocas passadas.

A literatura surda começa a se fazer presente entre nós se apresentando talvez como um desejo de reconhecimento, em que busca “um outro lugar e uma outra coisa”. A Literatura do reconhecimento é de importância crucial para as minorias linguísticas que desejam afirmar suas tradições culturais nativas e recuperar suas histórias (KARNOPP, 2008, p. 3).

Assim sendo, a Literatura surda é um marco no sentido de demarcar a existência de uma identidade social, através de sua produção é possível perceber que ela se origina em um contexto de afirmação e transfere para o mundo real os comportamentos e os costumes das pessoas surdas aproximando as relações sociais através da produção literária.

De fato a Literatura surda contribui para a produção de significados e representações essenciais à afirmação da identidade dos surdos. Mesmo assim, seu processo de construção não é tão simples como se pode imaginar. Está embutido nessas produções literárias muito mais do que histórias, sejam elas

releituras de clássicos ou inventadas; há nesse tipo de literatura características que fornecem elementos de uma cultura que luta há muito tempo para ser reconhecida e esse aspecto se traduz no próprio contexto das produções.

Assim como é difícil fazer um conceito de literatura em geral, também não há uma definição única para Literatura surda. Ela envolve representações produzidas por surdos onde se produzem significados partilhados em forma de discurso, sem eles, não há representação surda. Os significados são modificados dentro do círculo da cultura e o sujeito não cria sozinho a cultura, já que sempre há o coletivo produzindo significados (MOURÃO, 2012, p. 2).

Assim, falar de Literatura surda requer um conhecimento além da produção, há que se levarem em conta os fatores culturais que favorecem a hibridização em todo o contexto de criação uma vez que as culturas estão envolvidas entre si de modo que é impossível tratá-las isoladamente. Esse aspecto é importante, pois contribui para que os textos não sejam rotulados e estereotipados, levando para a literatura o estigma que acompanhou todo o percurso histórico dos surdos.

A intenção da Literatura para surdos talvez seja exatamente a de proporcionar a interação entre os variados textos mesclando contextos de forma a impedir uma segmentação do que seja ou não material para ser lido pelo surdo.

É o uso dessa literatura que ocasiona a hibridização da cultura surda com a cultura oral, ressignificando os valores sociais e trazendo para a realidade outras formas de perceber a produção literária, valorizando e apresentando novos elementos participativos e estéticos da Literatura como um todo.

CAPÍTULO 3: SURDEZ E IDENTIDADE NA OBRA CINDERELA SURDA

A arte de contar histórias está relacionada diretamente à construção da identidade coletiva de um povo através da narração dos fatos, da citação dos personagens e da ambientação das histórias, é possível ao indivíduo que narra e também ao sujeito que ouve se identificar com o contexto e produzir significações que ajudam a embasar seu entendimento sobre o contexto social ao qual está inserido. As narrativas se fazem presentes no cotidiano e vão se perpetuando até estarem fixadas no imaginário popular.

Com a comunidade surda não é diferente, uma vez que os surdos também são sujeitos sociais e, dessa forma têm em seu cotidiano acontecimentos que são relatados e passados de indivíduo a indivíduo construindo assim uma gama de elementos que ajudam na consolidação da cultura surda.

Contar histórias é um hábito tão antigo quanto a civilização [...] é um ato que pertence a todas as comunidades: comunidades indígenas, comunidades de surdos, entre outras. Contar histórias, piadas, episódios em línguas de sinais pelos próprios surdos é um hábito que acompanha a história das comunidades surdas. Cabe então, coletar as narrativas que surgem nessas comunidades, para que não desapareçam com o tempo (KARNOPP, 2008, p. 7).

A partir desse pensamento de Karnopp, é possível entender que coletar as narrativas surdas é um fator importantíssimo para que a consolidação da literatura surda se efetive e as histórias não caiam no esquecimento. É exatamente através da reprodução desses textos que os Surdos² conseguem reforçar sua identidade e se perceberem como indivíduos inseridos em um contexto social, pois a transmissão das histórias que fazem parte dessa comunidade é um aspecto primordial no processo de interação entre os indivíduos surdos/ouvintes.

Dentro do universo discursivo da literatura há poucas obras voltadas ao público surdo. Esse fato pode ser aferido ao fato de que historicamente eles foram considerados pessoas limitadas e como consequência a existência de textos

² A palavra Surdo com "S" maiúsculo refere-se aos surdos letrados na língua de sinais.

voltados para esse grupo teve pouca atenção. Durante muito tempo, a cultura surda não foi privilegiada provocando, assim, uma escassez de obras literárias que pudessem ser lidas por surdos, o que ocasionou um abismo, pois o número de surdos alfabetizados na linguagem de ouvintes é pequeno.

Diante dessa realidade percebe-se que a produção literária voltada para o público surdo teve pouca expressão e mesmo em tempos de inclusão é possível perceber uma insuficiência desse material no cotidiano dos surdos. O que faz com que a necessidade de mudanças seja urgente no sentido de ocasionar um maior acervo de produções literárias voltadas para esse grupo.

É interessante ressaltar importância do uso de textos voltados aos surdos como parte inerente da consolidação de sua cultura, pois reúne grande parte de sua vivência.

A literatura surda está relacionada com a cultura surda. a literatura da cultura surda, contada na língua de sinais de determinada comunidade linguística é constituída pelas histórias produzidas em línguas de sinais pelas pessoas surdas, pelas histórias de vida que são frequentemente relatados pelos contos, lendas, fábulas, piadas, poemas sinalizados, anedotas, jogos de linguagem e muito mais (KARNOPP, 2008, p. 8).

Dessa forma, o texto literário voltado para o público surdo tem em seu contexto elementos que agregam valores à cultura surda, proporcionando assim uma aproximação entre as produções literárias e contribuindo para eliminar diferenciações.

Uma obra literária tem em seu teor, além da estrutura espaço-narrativo, a construção do personagem os quais possibilitem na compreensão do imaginário popular. As histórias estão carregadas de sentido e como fazem parte de um contexto social, ao serem criadas trazem embutidas em seu sentido reflexões e posicionamentos abstraídos da vivência entre os indivíduos, em outras palavras, a Literatura é uma reprodução do real. Assim sendo, obra cinderela surda traz em seu texto todos os elementos de uma narrativa em que se pode perceber a estruturação dos personagens e o desenrolar do enredo como ponto chave da história trazendo para o texto valores éticos e morais que terminam por levar a um entendimento particular sobre o convívio com os surdos.

A obra em estudo é uma releitura do clássico: *Cinderela*, a história de uma menina que fica órfã de mãe. Seu pai casa-se com outra mulher a qual tem duas filhas e a personagem principal, Cinderela, sofre com as humilhações de ambas. Assim como nesse enredo, a obra *Cinderela Surda* também traz explícito o sofrimento da jovem Cinderela: a personagem é surda e a madrasta e suas filhas não conseguem se comunicar com ela o que gera um conflito que traz à tona uma reflexão sobre as consequências de uma comunicação problemática. A jovem personagem é ridicularizada e relegada a trabalhos degradantes. É o que pode ser percebido nesse trecho: “Cinderela limpava e cozinhava, mas a madrasta e as irmãs nunca estavam satisfeitas. A comunicação entre elas era difícil, pois a madrasta e as irmãs só faziam poucos sinais.” (HESSEL, ROSA & KARNOPP, 2003,p. 12).

Até aí, trata-se de uma reprodução quase igual a versão original, mas há elementos que contribuem para identificar aspectos que servem como firmação da identidade surda, como exemplo, pode se tomar a capa do livro que estando escrito na língua de sinais e na língua dos ouvintes, traz a imagem de Cinderela gesticulando, o que contribui para uma identificação imediata da obra como produção voltada ao público surdo.

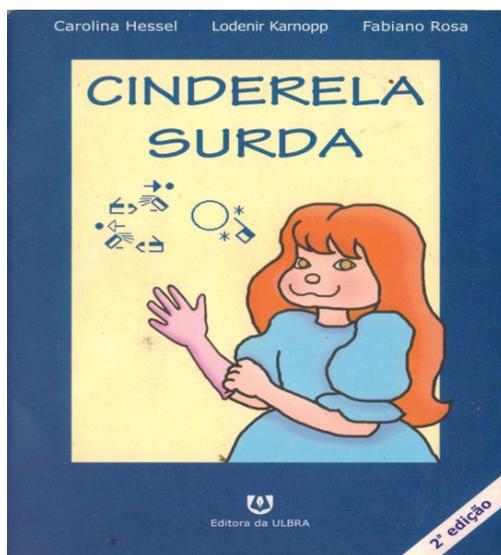


Figura 1 – capa do livro Cinderela Surda

O livro está escrito numa versão bilíngüe, em português e em língua de sinais. O sistema de escrita das línguas de sinais criado em 1974 e que expressa

os movimentos, as formas das mãos, as marcas não manuais e os pontos de articulação. Esse aspecto faz com que o texto esteja registrado em duas formas: para falantes através das palavras escritas e para surdos através da sinalização.

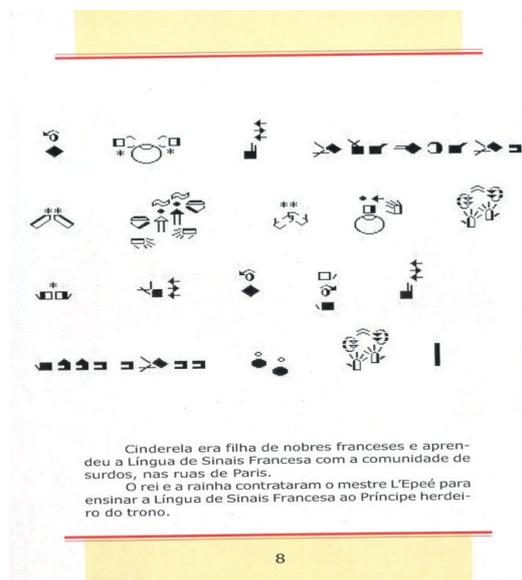


Figura 2 – Trecho do livro Cinderela Surda

As ilustrações mostram as expressões faciais e os sinais, destacando elementos que traduzem aspectos da experiência visual (KARNOPP, 2008). É o que pode ser observado na figura 3 em que o príncipe fica com a luva de Cinderela, um marco nessa releitura, pois chama a atenção para o aspecto gestual da comunicação entre os dois personagens, focando um objeto usado na mão.



Figura 3 – príncipe com a luva deixada por Cinderela durante a fuga

O enredo também apresenta outra diferenciação a respeito do texto original: no início o príncipe é apresentado como sendo surdo, e a história se passa na França, uma breve alusão ao fato de ter sido nesse país que a língua de

sinais começou a ser reconhecida. O que é reafirmado no trecho em que os autores fazem alusão ao criador da língua de sinais Michel L'Épée:

Cinderela era filha de nobres franceses e aprendeu a língua de sinais francesa com a comunidade de surdos, nas ruas de Paris. O rei e a rainha contrataram o mestre L'Épée para ensinar a língua de sinais francesa ao príncipe herdeiro do trono (HESSEL, ROSA & KARNOPP, 2007, p. 8).

De fato a França foi a vanguarda na inclusão social dos surdos e inaugurou a nova forma de comunicação entre surdos através da língua de sinais, ocasionando assim subsídios para que a identidade surda se efetivasse.

O século XVIII é considerado o período mais fértil da educação surda [...] Destacou-se na época, o Abade francês Charles Michel de L'Épée que em 1750 criou os 'Sinais Metódicos', uma combinação de língua de sinais com gramática sinalizada [...]. Este educador transformou sua casa em escola pública e acreditava que todos os surdos deveriam ter acesso à educação [...] (CARVALHO, 2010 p, 23).

Esse método foi aperfeiçoado ao longo dos séculos nos vários países onde foi adotado e em 1856 foi trazido ao Brasil. A globalização do sistema foi facilitada pelo fato dos sinais representarem além de letras conceitos como fome ou sono permitindo assim a comunicação entre pessoas de diferentes nacionalidades. Assim sendo, o livro *Cinderela Surda* mesmo estando escrito em português, pode ser lido por um Surdo de outro país.

Na história da *Cinderela Surda* o objeto deixado para trás na hora da fuga é a luva ao contrário da versão original, em que o objeto esquecido é um sapato. Este elemento faz referência à linguagem de sinais, é um aspecto de fundamental importância para o ápice da história, pois sendo o príncipe também surdo, foi através dos sinais que ambos passaram a noite conversando. Com esse elemento, os autores dessa releitura chamam a atenção para a linguagem de sinais como aspecto primordial para a comunicação entre surdos e ouvintes.

Através desse enredo é possível perceber que a surdez é abordada não como uma deficiência, mas como uma outra maneira de comunicação, o que converge para o entendimento do uso da língua de sinais como processo de afirmação social e de interação entre os indivíduos. Tal conceito vai de acordo com o que diz Karnopp (2008, p. 161): (ver qual o ano correto pq tem 2 anos com esse autor)

Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente”.

Assim, no contexto dessa releitura do clássico, é possível perceber uma pluralidade de elementos que convergem para dois aspectos importantes: a ampliação da literatura surda, e a evidenciação da língua de sinais como elemento de reafirmação da identidade dos surdos. É importante notar que na história de cinderela há um exemplo de sucesso e superação, pois mesmo perdendo a mãe e convivendo com humilhações diárias, há a possibilidade de um final feliz. No texto em análise ainda há elementos que denotam um sucesso maior da personagem pelo fato de ser surda. A escolha dos dois personagens principais serem surdos traz embutida a ideia de que é possível haver socialização entre pessoas que dominam diferentes maneiras de comunicação. Este aspecto fica evidente em toda a história e acompanha os personagens até o final.

A existência de obras como *Cinderela Surda*, trazem além da história escrita, os sinais correspondentes à linguagem de sinais, contribuindo para aproximar os ouvintes dos surdos e ocasionando a hibridização da cultura surda através da divulgação de materiais em LIBRAS³. Esse aspecto contribui para solidificar o entendimento da língua de sinais como forma de comunicação e favorece a interação entre os indivíduos. Dessa forma convergem para reforçar os laços identitários dos surdos, desmistificar preconceitos e ampliar o entendimento sobre a linguagem de sinais.

³ LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais.

As publicações na escrita dos sinais (*signwriting*) tem sido uma inovação na tradição de contar e recontar histórias e, por outro lado, divulgam e imprimem materiais em LIBRAS. [...] livros de literatura infantil com texto na escrita dos sinais desempenham um papel fundamental na divulgação dessa língua e dessa tradição escrita (KARNOPP, 2008, p. 5).

Assim sendo, é interessante observar que a obra *Cinderela Surda* se constitui em um elemento de fundamental importância nesse processo de trazer para a comunidade o entendimento do uso da linguagem de sinais como aspecto de interação entre e ouvintes. Por ser um texto infantil, contribui também para que as crianças aprendam desde cedo as diversas formas de comunicação e assim, em um futuro próximo não existam mais barreiras em relação a esse aspecto, colocando a surdez não como uma ausência, mas como uma característica.

O aspecto literário da obra reside basicamente na ideia de que os personagens principais fazem parte de um contexto peculiar dentro do ambiente descrito no texto e mesmo assim conseguem interagir e estabelecer laços sociais que culminam com o final esperado. Assim como na história original, há neste texto a conjunção de elementos que trazem romantismo à obra, ocasionando nos leitores o desejo de um final feliz, o que de fato acontece. Mas o mais relevante na obra *Cinderela Surda* é a consolidação, através do enredo, da língua de sinais como elemento de identificação e comunicação entre os personagens. Este aspecto contribui para o reconhecimento de outra forma linguística. É um elemento primordial na afirmação cultural, é o que afirma Karnopp (2010, p. 8)

A literatura surda começa a se fazer presente entre nós, se apresentando talvez como um desejo de reconhecimento, em que busca um outro lugar e uma outra casa. A literatura do reconhecimento é de importância crucial para as minorias linguísticas que desejam afirmar suas tradições culturais nativas e recuperar suas histórias reprimidas.

É nesse sentido que se percebe a necessidade da existência de mais textos que valorizem e evidenciem a língua de sinais como forma de comunicação, outra forma de interação entre os indivíduos. Na história de *Cinderela Surda*, os personagens heróis – Cinderela, príncipe e fada são surdos. Esse fato aponta ao leitor, uma alternativa de estabelecer diálogo além da oralidade.

Há ainda o registro da atenção visual dos personagens surdos ao meio ambiente. Quando o relógio marcasse meia-noite, Cinderela deveria voltar para casa. A moça ficou atenta ao relógio na parede. Diz o texto:

De repente, Cinderela olhou para o relógio da parede e viu que já era quase meia noite. Com medo ela fez o sinal de tchau e saiu correndo. O príncipe segurou sua mão e ficou com uma luva enquanto ela tentava sair correndo (HESSEL, ROSA & KARNOPP, 2007, p. 24).

A inserção da luva em substituição ao sapatinho de cristal, presente na história original, é associado ao símbolo por excelência da comunidade surda, pois luvas remetem às mãos que por sua vez estão relacionadas aos sinais e língua dos surdos.

Assim, no texto é possível entender que os autores buscam demonstrar através da legitimidade da língua de sinais, que os surdos têm suas próprias formas de narrar histórias e de ler, traduzir, conceber e julgar os produtos culturais que consomem e produzem.

Outro aspecto interessante é que essa releitura do clássico, não foi criada pelos autores, é uma versão que vem sendo recontada há muito tempo pela Comunidade surda, o que reafirma o conceito de que os surdos constroem sua identidade através da releitura que fazem da realidade. É o que pode ser percebido na introdução do livro. (figura 4):

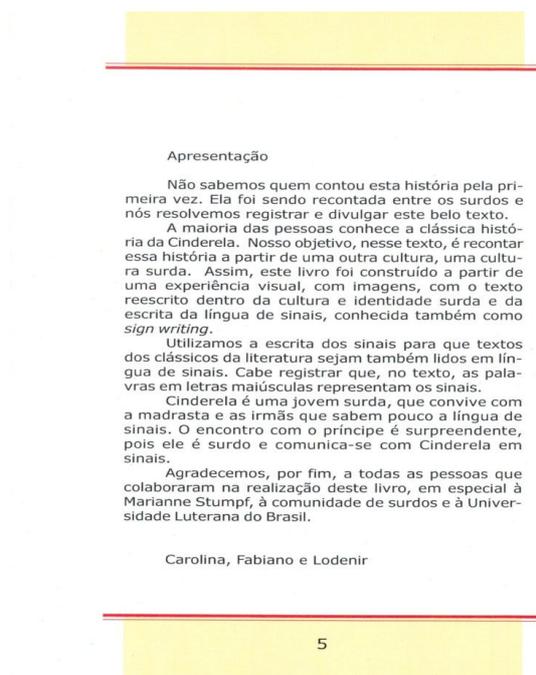


Figura 4 – Apresentação do livro Cinderela Surda

Assim, diante dos elementos visuais e da essência da história, é possível identificar aspectos que remetem a marcas da identidade surda, o que se evidencia na forma como os personagens agem e como a composição gráfica do livro está disposta, conferindo assim à produção um importante objeto de inclusão social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de inclusão dos surdos é intenso, requer medidas que desenvolvam muito mais do que aceitação física. Antes de tudo requer um caminho que contribua para a sua afirmação e no contexto social como um todo.

Mudanças significativas vêm tomando corpo e ocasionando uma abertura no modo como o surdo é visto e entendido na sociedade contemporânea, o uso de canais diversos têm proporcionado esse novo olhar. A literatura, por ser um modo de representar a realidade através de palavras, tem se transformado em um objeto extremamente relevante nesse sentido.

A cultura não é algo imutável, por ser algo inerente às relações sociais, tende a absolver suas características e moldar-se de acordo com a intensidade dessas relações. Assim sendo, a presença dos surdos na sociedade e o uso de sua forma de comunicação – a língua de sinais tem proporcionado o surgimento e a consolidação da cultura surda, principalmente, contribuindo para construção de uma identidade sólida, permanente, fazendo surgir grandes transformações sociais dentro e fora desse contexto.

Dessa forma, por meio da análise da obra *Cinderela Surda* foi possível perceber que o uso do texto literário apresentado em *signwriting* na língua dos ouvintes contribui para reafirmar a identidade surda porque traz para a realidade uma linguagem até então usada somente através de gestos. A disposição gráfica dos sinais confere ao texto uma amplitude muito importante, pois transforma a obra em um objeto de interação entre as duas linguagens e ao mesmo tempo ajuda a disseminar a cultura surda.

O modo como o enredo é desenvolvido também se constitui em um aspecto bastante pertinente no sentido de demonstrar como é possível acontecer a interação surdos e ouvintes sem nenhum conflito. Trazendo à tona uma reflexão sobre o relacionamento entre pessoas com linguagens diferentes.

Entendendo que a continuidade e a historicidade da identidade são questionadas constantemente pela imediatez e pela intensidade das confrontações culturais globais, os confortos da tradição são fundamentalmente desafiados pelo imperativo de forjar uma nova autointerpretação baseada nas responsabilidades culturais. Assim, através da história de Cinderela, nessa versão

bilíngue, foi possível entender que o próprio texto traz elementos que desafiam o leitor a imaginar a possibilidade de conviver/usar duas línguas.

Nesse sentido, como a língua de sinais é uma língua viso-espacial, que explora o visual, as ilustrações facilitam a compreensão, tanto das crianças ouvintes quanto das surdas. A imagem compreendida como função estimuladora, é colocada para interessar a criança no livro. O leitor participa ativamente na construção do sentido da história ao preencher as lacunas de significado, com base em pistas visuais presentes nas imagens.

Portanto, a partir do estudo realizado foi possível inferir que, o modo como a obra é apresentada, tanto graficamente como em sua essência ajuda o surdo e o ouvinte a conseguir estabelecer um contato com outra forma de comunicação. Visto que a partir desse diálogo entre a escrita as duas línguas, pode-se dizer que haverá uma reciprocidade no que se refere à socialização do conhecimento diminuindo as diferenças.

REFERÊNCIAS

AMORA, Antônio Soares. **Introdução à teoria da literatura**. 13 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

ARAGÃO, Maria Lúcia. Gêneros Literários. In: SAMUEL, Roger (org) **Manual de Teoria Literária**. Petrópolis: Vozes, 2001.

ARANHA, Maria Salete Fábio. **Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência**. Marília – SP. Artigo publicado na revista do Ministério Público do Trabalho, ano XI, nº 21, março, 2001, pp. 160 – 173. Disponível em: <http://www.centroruibianchi.sp.gov.br/usr/share/documents/08dez08_biblioAcademico_paradigmas.pdf>. Acesso em: 25 de Set. de 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 5ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 11. ed. – Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CARVALHO, Rodrigo Janoni. Língua de Sinais Brasileira e Breve Histórico da Educação Surda. In: **Revista virtual de cultura surda e diversidade**. Disponível em: < <http://editora-arara-azul.com.br/novoeaa/revista/?p=466>> Acesso em: 26 de set. de 2013.

COMPAGNON, Antonie. **O demônio da teoria**. UFMG, 2001.

CUCHE, Denys. **O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DIWAN, Pietra. **Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo**. São Paulo: contexto, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**: 10 ed. Rio de Janeiro: PD&A, 2005.

HESSEL, Carolina. KARNOPP, Lodenir. ROSA, Fabiano. **Cinderela surda**. 2ª ed. Canoas: ULBRA, 2007.

KARNOPP, Laudénir. **Literatura Surda**. UFSC, Florianópolis, 2008.

_____. **Produções Culturais de surdos: análise de literatura surda**. In Cadernos de Educação. FaC/PPGE/UFPe, maio-agosto 2006.

MOURÃO, Claudio Henrique Nunes. In **Adaptação e tradução em literatura surda**: A produção cultural surda em língua de sinais. 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrg.br>> Acesso em 17 de Jul. de 2013.

PINHEIRO, Najara Ferrari. A noção de gêneros para análise de textos midiáticos. In. MEURER, J. L., MOTTA-ROTH, D. **Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem**. Bauru: EDUSC, 2002.

SANCHEZ, Carlos. Cultura surda e cidadania brasileira. In: **Ensino de língua portuguesa para surdos, caminhos para a prática pedagógica**. V. 1, Brasília, 2004.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e Linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas**. São Paulo: Plexus, 2007.

SANTANA, Ana Paula. BERGAMO, Alexandre. **Cultura e identidade surda: encruzilhadas de lutas sociais e teóricas**. Campinas, Vol. 26, n 9 maio/agosto de 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em 22 de Jul. de 2013.

SILVA, Silvana Araujo. **Conhecendo um pouco a história dos surdos**. Londrina, 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br>> Acesso em 18 de Jun. de 2013.

ANEXOS